

Brasília e o Carnaval

- 1 MAR 1987

Os brasilienses prosseguem hoje — pois em verdade já começaram ontem — os festejos carnavalescos, que constituem a maior festa popular do Brasil. O carnaval brasileiro, por sua vez, é o que se mantém mais puro, ou menos corrompido em suas expressões originais, conforme atestam estudiosos estrangeiros.

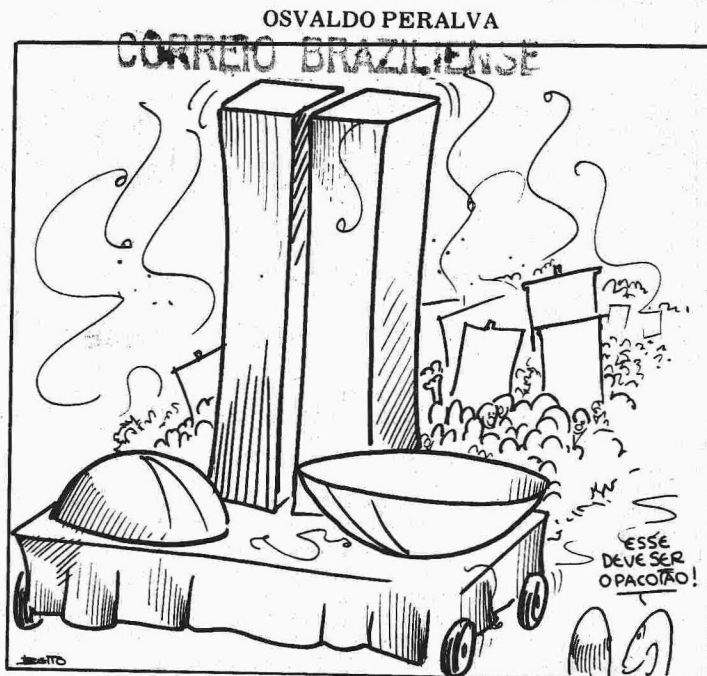
Mas essa é outra questão. A questão que se impõe agora é a de saber se os habitantes desta Capital podem entregar-se de alma leve aos folguedos, nestes três ou quatro dias de ruído e rutilo parêntese no calendário nacional, ou se têm razões de acabrunhamento, que lhes tolham a expansão de alegria.

Desde que me entendo, não conheço uma época sequer despojada de problemas políticos ou econômicos. E nunca esses problemas impediram que o povo se divertisse no carnaval.

Na atualidade, passo em revista a situação geral e a de Brasília em particular, sem encontrar fundamentos de pessimismo. Ai temos, após duas décadas e tanto de autoritarismo, uma Assembleia Constituinte reunida, com a função de redigir nova Carta, capaz de refletir um pacto social mais justo, de inaugurar perspectivas mais amplas, de reeducar a própria sociedade num sentido mais democrático.

Na esfera econômica, processam-se reajustes e retificações, dão-se passos ousados, como o da moratória, o abastecimento volta pouco a pouco a normalizar-se.

Depois da Quarta-feira de Cinzas virá a realidade cotidiana, acompanhada de queijas e reclamações, como num despertar. Não faltarão motivos ou pretextos



para alimentar o mau humor da ressaca. Subiram os preços de vários produtos e serviços, embora tenha subido também o salário mínimo, além do salário de várias categorias profissionais, mediante acordos coletivos. No cômputo global, há sérios indícios de que os pobres estão ligeiramente menos pobres, se bem que a imensa dívida social se ache longe do resgate.

Depois, há a evidência de que o governo trabalha seriamente para solucionar os problemas. E verdade que a oposição não concorda com esta afirmativa, mas isso é natural e salutar, pois o papel da oposição é discordar, examinar, fiscalizar, atuar como o advogado do diabo. A não ser quando, atraída pelo fascínio do poder, dê mostras da disposição de aderir.

Sinais do trabalho governamental, bem visíveis a olho nu, tivemos há três

dias. Diante do Palácio do Buriti, enfileiraram-se 116 novas viaturas da Polícia Civil, permitindo com isso renovar em 30% a sua frota de 400 veículos — que não se renovava desde 1972. Esses carros, entrados imediatamente em operação, ampliam a eficiência do trabalho para dar segurança aos cidadãos, inclusive naturalmente aos foliões. Anuncia-se para os próximos dias as primeiras 30 viaturas de um total de 80 destinadas à Polícia Militar, que dispõe presentemente de 320 veículos, metade dos quais com bastante uso. Os novos ajudarão a melhorar o policiamento preventivo.

No mesmo dia do desfile das 116 viaturas, um helicóptero conduzia a bordo, em inspeção aérea a vários locais, o Governador e seu secretário de Segurança. Em operação desde o início do ano (e é o primeiro de que dispõe o aparelho de segu-

rança de Brasília), tem permitida a recuperação de 64% dos veículos roubados, contra a média de 10% no resto do País.

A tarifa de água aumentou, mas ainda assim é mais barata que a da grande maioria das capitais brasileiras. E enquanto os brasilienses dançam e cantam sob os luminosos raios de sol do Planalto, enviados do governo do DF lutam, sob o terrífico frio de Washington, para obter recursos capazes de resolver a médio e longo prazo o problema de escassez de água, herdado de administrações anteriores. Estão apenas cumprindo o seu dever, mas é bom saber que o cumprem.

Outra herança dramática, o gigantesco déficit de moradia, que está sendo enfrentada por vários meios, acaba de receber a preciosa contribuição do autor do Plano Piloto, Lúcio Costa, com seu plano de complementação, preservação, adensamento e expansão urbana.

Também neste caso, entre profissionais do ramo, houve oposição, críticas ao trabalho, antes mesmo de discutido o seu conteúdo. Não leram e não gostaram. E não apresentaram, nem antes nem agora, uma proposta semelhante, tendo em vista fazer face à realidade do crescimento demográfico e da ameaça que pesa sobre a Cidade-Monumento de ser desfigurada pelas "invasões" e o desrespeito às características fundamentais da cidade. Características que o autor do Plano distribuiu em quatro escalas urbanas: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica, das extensas áreas livres.

Em resumo, evoé!